

# origem mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*O sangue é mais espesso do que a água.*

J O H N R A Y



*Haverá um tempo para assassinar e criar.*

T . S . E L I O T



## P R Ó L O G O



**A**Morte sorriu-lhe, e beijou-lhe a face ao de leve. Os olhos dele eram bonitos. Ela sabia que eram azuis, mas não do azul da sua caixa de lápis. Podia desenhar com os seus lápis uma hora por dia. Colorir era o que mais gostava de fazer.

Falava três línguas, mas estava a ter dificuldade com o cantonês. Conhecia os símbolos, e adorava desenhar as linhas e as formas, mas era-lhe difícil *vê-las* como palavras.

Ainda não conseguia ler muito bem em nenhuma das línguas, e sabia que o homem a quem ela e as irmãs chamavam pai estava preocupado.

Esquecia-se de coisas que devia ter de memória, mas ele nunca a castigava — não como os outros castigavam, quando ele estava ausente. Ela pensava neles como Os Outros, aqueles que ajudavam o pai a ensiná-la e a cuidar dela. Mas quando ele não estava presente e ela cometia um erro, eles faziam algo que a magoava, algo que fazia o seu corpo saltar.

Não podia contar ao pai.

O pai era sempre simpático, como agora. Estava sentado ao seu lado, a segurar-lhe a mão.

Estava na hora de mais um teste. Ela e as irmãs faziam muitos testes, e às vezes o homem a quem ela chamava pai ficava com rugas na testa, ou com uma expressão triste nos olhos, quando ela não conseguia cumprir todos os passos. Em alguns dos testes, o pai tinha de lhe espetar uma agulha ou de lhe ligar máquinas à cabeça. Ela não gostava muito daqueles

testes, mas fingia que estava a desenhar com os seus lápis, e que continuaria a desenhar até os gastar por completo.

Era feliz, mas às vezes lamentava que não pudessem ir lá para fora, em vez de *fingirem* ir lá para fora. Os programas de holograma eram divertidos, e o seu preferido era o do piquenique com o cãozinho. Mas sempre que ela perguntava se podia ter um cãozinho a sério, o homem a quem chamava pai limitava-se a sorrir e a dizer: «Um dia».

Tinha de estudar muito. Era importante aprender tudo o que podia ser aprendido, saber como falar e como se vestir, saber tocar música, e discutir tudo o que aprendera ou lera ou vira em ecrãs durante as lições.

Sabia que as suas irmãs eram mais espertas, mais rápidas, mas nunca faziam troça dela. Tinham permissão para brincar juntas uma hora de manhã e uma hora antes do deitar, todos os dias.

Isso era ainda melhor do que o piquenique com o cãozinho.

Ela não compreendia o que era a solidão, e por isso não sabia que se sentia só.

Quando a Morte lhe segurou na mão, ela deixou-se ficar deitada, em silêncio, e preparou-se para fazer o seu melhor.

— Isto vai fazer-te sentir sono — disse-lhe ele, na sua voz amável.

Hoje trouxera o rapaz. Ela gostava quando o rapaz vinha, embora ficasse envergonhada. Ele era mais velho, e os seus olhos eram do mesmo azul dos do homem a quem ela chamava pai. O rapaz nunca brincava com ela ou com as suas irmãs, mas ela bem que gostaria que isso acontecesse.

— Estás confortável, querida?

— Sim, pai. — Sorriu timidamente ao rapaz, que estava junto à sua cama. Às vezes imaginava que o pequeno quarto onde dormia era uma alcova, como as alcovas nos castelos que ela conhecia dos livros e dos vídeos. E ela era a princesa do castelo, sob um feitiço. O rapaz era o príncipe que vinha salvá-la.

De quê, ela não sabia ao certo.

Mal sentiu a picada da agulha. Ele era tão delicado.

Havia um ecrã no teto sobre a sua cama, e desta vez o homem a quem chamava pai programou-o para mostrar quadros famosos. Querendo agradecer-lhe, ela começou a dizer os títulos, à medida que as imagens surgiam no ecrã.

— *Jardim em Giverny 1902*, Claude Monet. *Fleurs et Mains*, Pablo Picasso. *Rapariga à Janela*, Salvador Da... Salvador...

— Dalí — disse ele.

— Dalí. *As Oliveiras*, Victor van Gogh.

— Vincent.

— Desculpe. — As suas palavras tornavam-se confusas. — Vincent van Gogh. Tenho os olhos cansados, pai. Sinto a cabeça pesada.

— Não faz mal, querida. Podes fechar os olhos, podes descansar. — Ele continuou a segurar-lhe a mão enquanto ela caía no sono. Segurou-lhe a mão ternamente enquanto ela morria.

Cinco anos, três meses, doze dias e seis horas depois de ter vindo ao mundo, a criança partiu.



## C A P Í T U L O 1



Quando uma das caras mais famosas do planeta e arredores era esmurrada e convertida num puré ensanguentado, isso era notícia. Mesmo na cidade de Nova Iorque. Quando a dona dessa cara perfurava vários órgãos vitais do agressor com uma faca de cozinha, isso não era apenas notícia — era trabalho.

E conseguir falar com a mulher cujo rosto lançara mil bens de consumo era uma maldita batalha.

Obrigada a aguardar na sala de espera luxuosa-ao-ponto-de-sufocar do Centro Wilfred B. Icove de Cirurgia Reconstitutiva e Estética, a tenente Eve Dallas estava preparada para ir à guerra.

Tinha atingido o seu limite.

— Se pensam que podem mandar-me embora uma terceira vez, desconhecem o tamanho da minha ira.

— Ela estava inconsciente, da primeira vez. — Satisfeita por estar sentada num sofá caro e excessivamente almofadado, a beber um chá, a inspetora Delia Peabody cruzou as pernas. — E a caminho do bloco operatório.

— Da segunda vez não estava inconsciente.

— Estava nos Cuidados Intensivos. Passaram-se menos de quarenta e oito horas, Dallas. — Peabody bebeu mais um gole de chá, imaginando o que poderia fazer se estivesse ali para uma intervenção estética à cara ou ao corpo.



Talvez começasse por umas extensões de cabelo. Era indolor e dava para mudar o visual, concluiu, passando os dedos pelo seu cabelo escuro cortado à tigela.

— E parece evidente que se tratou de autodefesa.

— Ela deu-lhe oito facadas.

— Bem, talvez tenha sido um pouco excessivo, mas ambas sabemos que o advogado dela vai alegar autodefesa, receio de danos corporais, incapacidade... E o júri vai engolir tudo. — Talvez umas extensões louras, pensou Peabody. — A Lee-Lee Ten é um ícone. O ideal de beleza feminina, e o tipo deu-lhe cabo da cara.

Nariz partido, osso malar desfeito, maxilar fraturado, retina descolada. Eve percorreu mentalmente a lista. Não queria que a mulher fosse condenada por homicídio, caramba. Falara com o técnico de saúde que a assistira no local e examinara pessoalmente a cena do crime.

No entanto, se não fechasse o caso nesse dia, teria novamente a comunicação social a salivar atrás de si.

Só de pensar nisso, sentia-se tentada a esmurrar, por sua vez, a cara de Ten.

— Ela fala connosco hoje, e encerramos o caso. Ou processo o bando de advogados e representantes dela por obstrução à justiça.

— Quando é que o Roarke regressa?

Franzindo o sobrolho, Eve parou de andar o tempo suficiente para encarar a sua parceira.

— Porquê?

— Porque estás um bocadinho irritável... mais do que é costume. Acho que estás com sintomas de privação de Roarke. — Peabody suspirou melancolicamente. — Quem te pode levar a mal?

— Não estou com privação nenhuma — resmungou Eve, pondo-se novamente a andar de um lado para o outro. Tinha pernas compridas num corpo comprido, e sentia-se apertada naquele espaço excessivamente decorado. O seu cabelo era mais curto do que o de Peabody, de um castanho que lembrava pelo de veado, e as madeixas de corte irregular emolduravam-lhe a cara magra, dominada por uns olhos grandes e castanhos.

Ao contrário de muitos dos pacientes e clientes do Centro Wilfred B. Icove, Eve não tinha a beleza física entre as suas prioridades.

A morte, sim, era uma prioridade.

Talvez estivesse a sentir a falta do marido, reconheceu. Não era

crime. Na verdade, devia ser uma daquelas regras do casamento que ela ainda estava a tentar aprender, ao fim de mais de um ano no jogo.

Era raro Roarke viajar em trabalho por mais de um dia ou dois, e esta viagem já durava havia uma semana.

Por sua causa, lembrou a si própria. Estava bem ciente de que ele passara o seu trabalho para segundo plano, nos últimos meses, para a ajudar a resolver os seus casos, ou simplesmente para estar ao seu lado quando ela precisara.

E um homem que tinha bens ou interesses em quase todas as áreas de negócio — arte, entretenimento, imobiliário — e em todo o universo conhecido, precisava de manter muitas bolas no ar ao mesmo tempo.

Eve podia passar uma semana sem fazer parte do malabarismo. Não era uma idiota.

No entanto, não andava a dormir muito bem.

La sentar-se, mas a cadeira era tão grande, e tão *cor-de-rosa*, que Eve teve a sensação de estar a ser engolida inteira por uma grande boca brilhante.

— O que está a Lee-Lee Ten a fazer na cozinha da sua *penthouse* de três andares às duas da manhã?

— A comer qualquer coisa?

— Tem um AutoChef no quarto, outro na sala, outro no quarto de hóspedes, mais um no escritório, e outro ainda no ginásio.

Eve foi espreitar de uma das janelas. Preferia o dia chuvoso e cinzento, lá fora, ao *cor-de-rosa* vibrante da sala de espera. O outono de 2059 estava a revelar-se frio e desagradável.

— Toda a gente com quem conseguimos falar disse que a Ten tinha deixado o Bryhern Speegal.

— Não há dúvida de que foram o casal do verão — observou Peabody. — Era impossível ver um programa sobre celebridades ou pegar numa revista de mexericos sem... não que eu passe a vida a ver coisas dessas.

— Pois. Ela despacha o Speegal na semana passada, de acordo com fontes próximas. Mas estão juntos na cozinha às duas da madrugada, ambos de roupão. E há indícios de contacto íntimo no quarto.

— Uma reconciliação que não deu certo?

— Segundo o porteiro, as gravações do sistema de segurança e o androide doméstico da Ten, o Speegal chegou às vinte e três e catorze. Abriram-lhe a porta, e o androide foi dispensado e mandado para os seus aposentos... mas mantido de prevenção.

Havia copos de vinho na sala, pensou Eve. Sapatos, dele e dela. Camisa, dela. A dele estava na ampla curva da escada que levava ao segundo piso. O sutiã dela ficara pendurado no corrimão, lá em cima.

Não fora preciso um cão de caça para lhes seguir o rasto, ou para cheirar a atividade.

— Ele chega, entra, bebem uns copos no rés-do-chão, acabam por ter sexo. Nada indica que não tenha sido consensual. Não há sinais de luta, e se o tipo quisesse violá-la, não ia dar-se ao trabalho de a arrastar escada acima e de a despir.

Eve esqueceu-se da imagem da boca cor-de-rosa o tempo suficiente para se sentar na cadeira.

— Então, sobem a escada, caem na cama. Acabam cá em baixo, na cozinha, cobertos de sangue. O androide ouve ruídos estranhos, dirige-se para a cozinha, encontra a Ten inconsciente, o Speegal morto, chama a assistência médica e a polícia.

A cozinha parecia um campo de batalha. Era uma divisão branca e prateada, com muito espaço, e ficara quase toda coberta de manchas e salpicos vermelhos. Speegal, o bonzão do ano, estava deitado de bruços, numa poça de sangue.

Talvez, ao ver a cena do crime, Eve se tivesse recordado da imagem horrível do seu pai. Claro que a divisão em Dallas não era tão reluzente, mas o sangue, o sangue que correrá, era tão espesso e molhado como o que ela sentira depois de enterrar a faca no corpo dele.

— Às vezes não há outra forma — disse Peabody em voz baixa. — Às vezes não há outra forma de se continuar vivo.

— Não. — Estava a perder qualidades, se a sua parceira lhe conseguia ler o pensamento tão facilmente. — Às vezes, não há.

Levantou-se da cadeira, aliviada, quando o médico entrou na sala. Fizera o seu trabalho de casa sobre Wilfred B. Icové, Jr. Revelara-se competente a seguir as pegadas do pai, vigiando as inúmeras sucursais do Centro Icové. E a sua fama como cirurgião plástico chegava às estrelas.

Tinha a reputação de ser discreto como um padre, hábil como um mágico e rico como Roarke — ou quase tão rico. Aos quarenta e quatro anos de idade, era atraente como uma estrela de vídeo, com olhos de um azul cristalino, maçãs do rosto salientes, a linha do maxilar direita, lábios bem desenhados e um nariz estreito. Tinha um cabelo farto e madeixas douradas a ladear a testa. Com cerca de um metro e oitenta de altura, Icové exibia um corpo bem definido e atlético, e vestia com elegância um

fato cinzento-ardósia com riscas finas cor de pérola. Usava uma camisa da cor das riscas, e um medalhão de prata numa corrente muito fina.

Estendeu a mão a Eve, sorrindo como quem pedia desculpa, e mostrando uns dentes perfeitos.

— Lamento muito tê-la feito esperar. Sou o doutor Icove. A Lee-Lee... a senhora Ten — corrigiu-se — está sob o meu cuidado.

— Tenente Dallas, Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque. Inspetora Peabody. Precisamos de falar com ela.

— Sim, eu sei. Sei que já tentaram falar com ela antes e, mais uma vez, as minhas desculpas. — A voz e a postura de Icove eram tão cuidadas como tudo o resto nele. — Agora está a receber o advogado. Encontra-se acordada e estável. É uma mulher forte, tenente, mas sofreu traumas severos, físicos e psicológicos. Espero que a vossa conversa seja breve.

— É o que todos queremos, não é verdade?

Ele tornou a sorrir, apenas um lampejo de humor, e indicou-lhes o caminho.

— Está medicada — continuou, enquanto avançavam por um corredor amplo, decorado com quadros que salientavam a forma e o rosto feminino. — Mas lúcida. Também está muito ansiosa por falar convosco. Eu teria preferido que esperasse mais um dia, e o seu advogado... Bem, como já disse, é uma mulher forte.

Icove passou pelo agente da polícia à porta do quarto como se ele fosse invisível.

— Gostava de assistir à conversa, para monitorar o estado da senhora Ten.

O quarto era luxuoso como uma suite num hotel de cinco estrelas, e havia ali flores suficientes para encher quatro quilómetros quadrados em Central Park.

As paredes, de um rosa pálido, estavam decoradas com pratas e quadros de deusas.

Havia cadeiras espaçosas e mesas reluzentes numa zona onde as visitas se podiam reunir, para conversar ou ver o que estivesse a passar no ecrã.

Estando as enormes janelas equipadas com telas de privacidade, os helicópteros ou elétricos da comunicação social que cruzassem o céu não poderiam ver para dentro do edifício, mas os ocupantes do Centro podiam desfrutar da vista do parque.

Numa cama com lençóis de um rosa-pétala guarnecidos de renda muito branca, a cara famosa parecia ter sido atingida por um aríete.

Nódoas negras, pensos brancos, o olho esquerdo coberto com uma pala protetora. Os lábios sensuais que tinham rendido milhões em batons, delineadores e bálsamos labiais estavam agora inchados e cobertos de uma pomada verde-clara. O cabelo luxuriante, responsável pela produção de tanques de champô, condicionador e suplementos, estava esticado para trás, lembrando uma esfregona vermelha.

O olho visível, verde como uma esmeralda, fixou Eve, no meio de uma explosão de cor.

— A minha cliente tem muitas dores — começou o advogado. — Está sob o efeito de medicamentos e de uma enorme pressão. Eu...

— Cala o bico, Charlie. — A voz que veio da cama era rouca e sibilante, mas o advogado apertou os lábios e calou-se.

— Olhe bem para mim — disse ela a Eve. — O filho da mãe deixou-me neste estado. Veja a minha cara!

— Senhora Ten...

— Eu conheço-a. Não conheço? — Eve apercebeu-se de que a voz era rouca e sibilante porque Lee-Lee estava a falar através de dentes cerrados. Maxilar partido... devia ter dores horríveis. — Não me esqueço de caras, e a sua... O Roarke. É a polícia do Roarke. Que humilhante.

— Dallas, tenente Eve. Inspetora Peabody, a minha parceira.

— Esbarrámos um no outro há quatro... não, há cinco anos. Num fim de semana chuvoso, em Roma. Caramba, aquele homem tem energia. — O olho verde cintilou por um instante, com um humor lascivo. — Isto incomoda-a?

— Voltou a esbarrar com ele nos últimos dois anos?

— Infelizmente, não. Foi só aquele fim de semana memorável em Roma.

— Nesse caso, não, não incomoda. E se falássemos sobre o que aconteceu entre si e o Bryhern Speegal no seu apartamento, há duas noites?

— Cabrão filho da mãe.

— Lee-Lee — repreendeu-a o médico, delicadamente.

— Desculpem, desculpem. Sei que o Will não aprova esta linguagem. O Bry magoou-me.

Lee-Lee fechou os olhos, inspirou e expirou, lentamente.

— Raios, magoou-me mesmo. Podem dar-me água?

O advogado pegou no copo prateado, com a palhinha prateada, e levou-o aos lábios de Lee-Lee.

Ela chupou a palhinha, respirou, voltou a chupar, e deu uma palmadinha na mão dele.

— Desculpa, Charlie. Desculpa ter-te mandado calar. Não estou no meu melhor.

— Não tens de falar com a polícia agora, Lee-Lee.

— Bloquearam-me o ecrã, para eu não ouvir o que andam a dizer de mim. Não preciso de um ecrã para saber o que os macacos da comunicação social e as hienas dos mexericos andam a dizer. Quero esclarecer tudo. Quero que ouçam o que tenho a dizer, raios.

O seu olho inundou-se, e ela pestanejou furiosamente, para conter uma torrente de lágrimas. Com isto, subiu vários pontos na consideração de Eve.

— A senhora e o senhor Speegal tinham uma relação. Uma relação íntima.

— Fodemos como coelhos o verão inteiro.

— Lee-Lee — começou Charlie, e ela ergueu uma mão, pedindo silêncio. Foi um gesto rápido, de impaciência, que Eve compreendeu perfeitamente.

— Conte-te o que aconteceu, Charlie. Acreditas em mim?

— Claro que acredito.

— Então deixa-me contar à polícia do Roarke. Conheci o Bry quando me deram um papel num vídeo que ele estava a gravar aqui, em Nova Iorque, em maio passado. Estávamos na cama doze horas depois das apresentações. Ele é... era — corrigiu — lindo. Lindo ao ponto de uma mulher levantar a saia só de olhar para ele. Estúpido como um sapo e... como descobri há duas noites... perverso como... Não consigo pensar em nada tão perverso.

Levou novamente a palhinha aos lábios e respirou fundo devagar, três vezes.

— Passámos bons bocados juntos, o sexo era ótimo, fomos muito falados no circuito dos mexericos. Ele começou a ficar muito cheio de si. Quero isto, não estás a fazer aquilo, vamos aqui, onde é que andaste, e por aí fora. Decidi acabar com a relação. E foi o que fiz, na semana passada. Vamos dar um tempo, foi divertido, mas não queremos ir demasiado depressa. Ficou lixado, deu para ver, mas aceitou. Pareceu aceitar. Não somos miúdos, que raio, e não íamos iludir-nos.

— Ele fez-lhe alguma ameaça, na altura, ou teve alguma reação agressiva?

— Não. — Lee-Lee levou uma mão à cara, e embora a sua voz estivesse agora firme, Eve reparou que os seus dedos tremiam um pouco. — Fez aquele papel do «Oh, pois é, estava a pensar dizer o mesmo... isto já deu o que tinha a dar». Ele ia para Nova LA fazer a promoção do vídeo. Então, quando me ligou a dizer que tinha regressado a Nova Iorque, que queria passar lá por casa para conversar, eu disse que estava bem.

— Contactou-a um pouco antes das onze da noite.

— Não sei ao certo. — Lee-Lee conseguiu sorrir. — Eu tinha ido jantar fora, ao The Meadow, com umas amigas. Carly Jo, Presty Bing, Apple Grand.

— Falámos com elas — disse-lhe Peabody. — Confirmaram o jantar e disseram que saiu do restaurante por volta das dez da noite.

— Sim, elas iam a uma discoteca, mas eu não estava com disposição. Mais valia ter ido, afinal. — Levou novamente a mão à cara, depois deixou-a cair sobre a cama. — Fui para casa, comecei a ler um guião para um novo vídeo que o meu agente me enviou. Aborrecido como a porra... desculpa lá, Will... por isso, quando o Bry ligou, achei boa ideia ter companhia. Bebemos uns copos de vinho, conversa puxa conversa, e ele começou a apalpar terreno. Tem jeito para isso — murmurou, esboçando um sorriso. — Então, fomos para o quarto e tivemos uma sessão intensa de sexo. Depois, ele diz qualquer coisa como «as mulheres não me dizem quando é que vamos dar um tempo», e que ele é que me diz quando estiver farto de mim. Filho da mãe.

Eve observou a cara de Lee-Lee.

— Ficou lixada.

— Bastante. Apareceu lá em casa e meteu-me na cama só para poder dizer aquilo. — O rubor acentuou-lhe os hematomas das faces. — E eu fiz-lhe a vontade, por isso estou tão lixada comigo como com ele. Levanto-me, enfio um roupão e vou lá para baixo, tentar acalmar-me. Compensa... e pode compensar largamente... não fazer inimigos, neste meio. Então, vou para a cozinha, tentar conter a minha fúria, e pensar numa maneira de resolver isto. Lembro-me de fazer uma omeleta de claras.

— Desculpe — interrompeu Eve. — Sai da cama, está zangada, e vai cozinhar ovos?

— Sim. Gosto de cozinhar. Ajuda-me a pôr as ideias em ordem.

— Tem nada menos do que dez AutoChefs em casa.

— Gosto de cozinhar — repetiu ela. — Não viu nenhum dos meus vídeos de culinária? Sou mesmo eu que faço aquelas coisas, pode perguntar a qualquer pessoa da produção. Então, estou na cozinha, a andar de um lado para o outro, a tentar acalmar-me o suficiente para partir uns ovos, quando ele aparece, todo empertigado.

Lee-Lee olhou para Icove, que se dirigiu para a sua cabeceira e lhe segurou a mão.

— Obrigada, Will. Pavoneou-se, e disse que quando pagava uma puta, era ele que lhe dizia para se pôr a andar, e que entre nós era a mesma coisa. Pois não me tinha comprado joias, presentes? — Lee-Lee conseguiu encolher um ombro. — Não ia deixar-me andar por aí a espalhar que o tinha despachado. Ele é que havia de me despachar, quando bem entendesse. Mandei-o embora, disse-lhe que se pusesse a andar da minha casa. Empurrou-me, e eu empurrei-o. Estávamos a gritar um com o outro, e... Oh, Deus, nunca imaginei. Quando dei por mim, estava no chão e a gritar. Senti o gosto do sangue na boca. Nunca ninguém me tinha batido.

A sua voz estava trémula, presa.

— Nunca ninguém... Nem sei quantas vezes ele me bateu. Acho que consegui pôr-me de pé uma vez, que tentei fugir. Não sei, juro. Tentei arrastar-me, gritei... ou tentei gritar. Ele apanhou-me do chão. Eu mal conseguia ver, com o sangue que tinha nos olhos, com a dor. Achei que ele me ia matar. Empurrou-me contra a bancada... contra a ilha, e eu agarrei-me ali, para não cair. Se caísse, ele matava-me.

Fez uma pausa, fechou os olhos, por um momento.

— Não sei se pensei isto na altura, ou se foi mais tarde, e não sei se é verdade. Acho que...

— Lee-Lee, chega.

— Não, Charlie. Quero falar. Acho que... — continuou. — Agora, olhando para trás, acho que talvez ele já tivesse terminado. Que talvez não fosse bater-me mais, que talvez tivesse percebido que me tinha magoado mais do que queria. Talvez só quisesse desfigurar-me um pouco mais. Mas naquele momento, quando estava a sufocar no meu próprio sangue, quando mal conseguia ver e sentia a cara como se lhe tivessem pegado fogo, temi pela minha vida. Juro. Ele avançou para mim, e eu... O conjunto de facas estava mesmo ali. Peguei numa. Se não tivesse a visão turva, tinha agarrado numa maior. Também posso jurar isto. Quis matá-lo, para ele não me matar a mim. Ele riu-se. Riu-se e puxou o braço para trás, como se estivesse a ganhar balanço para me atingir.



Lee-Lee recompusera-se, e o seu olho cor de esmeralda fixou-se na cara de Eve.

— Enterrei-lhe a faca no corpo. Enterrei-a e puxei-a e enterrei-a de novo. E continuei a fazê-lo até desmaiar. Não lamento tê-lo matado.

Uma lágrima escapou-se-lhe do olho, correndo-lhe pela face negra.

— Não lamento tê-lo matado. Só lamento tê-lo deixado pôr-me as mãos em cima. Ele desfez a minha cara. Will.

— Vais ficar mais bonita do que nunca — garantiu-lhe o médico.

— Talvez. — Ela enxugou cuidadosamente a lágrima. — Mas nunca mais serei a mesma. Já alguma vez matou alguém? — perguntou a Eve. — Já alguma vez matou alguém e não se arrependeu?

— Sim.

— Então, sabe como é. Uma pessoa não volta a ser a mesma.

Quando terminaram, o advogado Charlie acompanhou-as até ao corredor.

— Tenente...

— Descanse, Charlie — disse-lhe Eve, parecendo exausta. — Não vamos mover-lhe um processo. O depoimento dela está de acordo com os indícios e com os outros depoimentos que recolhemos. Foi vítima de um ataque violento, temeu pela sua vida, defendeu-se.

Ele anuiu, ligeiramente desiludido por não poder saltar para o seu cavalo branco caro e ir salvar a sua cliente.

— Gostava de ver a declaração oficial antes de ser comunicada à imprensa.

Eve fez um som que poderia passar por uma gargalhada, e deu meia-volta, para se ir embora.

— Aposto que sim.

— Estás bem? — perguntou-lhe Peabody, quando se dirigiam para os elevadores.

— Não pareço bem?

— Sim, pareces bem. E por falar em parecer, se viesses procurar os serviços do doutor Icove, o que escolhias?

— Escolhia um bom psiquiatra, para me ajudar a perceber por que havia de querer que alguém me cortasse a cara e/ou o corpo.

O controlo de segurança foi tão rigoroso à partida como fora à chegada. Tiveram de passar pelos *scanners*, para os seguranças se certificarem de que não levavam recordações ou, mais importante, imagens de pacientes a quem fora garantida confidencialidade absoluta.

A certa altura, Eve viu Icove passar, apressado, e introduzir um código no que ela percebeu ser um elevador privado, camuflado na parede rosada.

— Está com pressa — comentou Eve. — Alguém deve precisar duma lipoaspiração de emergência.

— Bem — disse Peabody, depois de passar pelo detetor —, voltando ao assunto. Se pudesses mudar alguma coisa na tua cara, o que seria?

— Porque havia de mudar o que quer que fosse? Na maior parte do tempo, nem estou a olhar para mim.

— Eu gostava de aumentar os lábios.

— Dois não te chegam?

— Dallas, quero dizer lábios mais carnudos, mais sensuais. — Peabody franziu os lábios, entrando no elevador. — E talvez um nariz mais estreito. — Passou o polegar e o indicador pelo nariz, medindo-o. — Achas o meu nariz gordo?

— Sim, especialmente quando o metes na minha vida.

— Olha para este nariz. — Peabody apontou uma das imagens nas paredes do elevador. Rostos impecáveis, corpos impecáveis, para serem vistos pelos passageiros. — Não me importava de ficar com um nariz assim. Cinzelado. O teu é cinzelado.

— É um nariz. Está na minha cara e permite-me absorver o ar através de duas aberturas práticas.

— Pois, é fácil para ti falar, Nariz Cinzelado.

— Tens razão. Na verdade, começo a concordar contigo. Precisas de aumentar os lábios. — Eve cerrou um punho. — Deixa-me dar-te uma ajuda.

Peabody sorria e olhava para as imagens.

— Este sítio é como o palácio da perfeição física. Sou capaz de cá voltar e experimentar um dos programas de transformação gratuitos, só para ver como ficaria com uns lábios maiores, ou com um nariz fininho. Acho que vou falar com a Trina e mudar de penteado.

— Mas porquê, porquê, porquê? Porque é que havemos de mudar de penteado? O cabelo cobre-nos o crânio, protege-nos da chuva e do frio.

— Só estás com medo, porque sabes que quando eu falar com a Trina, ela pode encurralar-te e fazer-te um tratamento.

— Não tenho medo. — A verdade era que tinha.

Foi uma surpresa ouvir chamar o seu nome através do sistema de comunicação do elevador. Franzindo o sobrolho, Eve pôs a cabeça de lado.

— Fala Dallas.

— Tenente, por favor, o doutor Icove pede-lhe que venha imediatamente ao 45.º piso. É uma emergência.

— Claro. — Olhou para Peabody, encolheu os ombros. — Vamos para o 45.º — ordenou, e sentiu o elevador abrandar, deslocar-se e subir. — Passa-se alguma coisa — comentou. — Talvez um dos clientes da beleza-a-qualquer-preço tenha batido a bota.

— É muito raro alguém morrer de uma cirurgia estética. — Peabody passou um dedo pensativo pelo seu nariz. — Muito raro.

— Podíamos todos admirar o teu nariz fininho no teu funeral. Que pena, a Peabody, diríamos, a enxugar as lágrimas dos olhos. Mas que nariz magnífico que ela tem no meio da cara morta.

— Para com isso. — Peabody curvou os ombros, cruzando os braços sobre o peito. — E não ias conseguir enxugar as lágrimas. Ias chorar desalmadamente. Com lágrimas copiosas a turvarem-te os olhos, não verias o meu nariz.

— Logo, morreres por causa dele seria bastante estúpido. — Satisfeita por ter tido a última palavra, Eve saiu do elevador.

— Tenente Dallas. Inspetora Peabody. — Uma mulher com um... eh... nariz cinzelado e com pele da cor de um bom caramelo veio apressadamente ao encontro delas. Os seus olhos eram pretos como ónix e, de momento, choravam. — O doutor Icove. O doutor Icove. Uma coisa terrível.

— Está ferido?

— Está morto. Morto. Tem de vir imediatamente. Por favor, depressa.

— Que raio, ainda há cinco minutos o vimos. — Peabody seguiu Eve, caminhando rapidamente para acompanhar a mulher, que atravessava quase a correr aquela silenciosa zona de escritórios. As paredes de vidro deixavam ver a tempestade lá fora, mas ali o ar estava aquecido, a luz era suave, e havia ilhas de plantas verdes luxuriantes, esculturas sinuosas e quadros românticos, todos eles retratando nus.

— E se abrandasse? — sugeriu Eve. — Podia dizer-nos o que aconteceu.

— Não posso. Não sei.

Eve não compreendia como a mulher conseguia estar de pé, e ainda por cima correr, com aqueles saltos finos como agulhas, mas continuou a segui-la, passando por uma porta dupla de vidro fosco verde-marinho, que dava para uma outra sala de espera.

Icove, pálido como a morte mas aparentemente ainda a respirar, apareceu a uma porta.

— Fico contente de ver que os rumores sobre a sua morte eram exagerados — começou Eve.

— Não fui eu, não... O meu pai. O meu pai foi assassinado.

A mulher que as acompanhara recomeçou a chorar, derramando lágrimas muito ruidosas.

— Pia, quero que se sente. — Icove pousou uma mão no ombro trémulo. — Preciso que se sente e que se acalme. Não consigo lidar com isto sem si.

— Sim. Está bem. Sim. Oh, doutor Will.

— Onde está ele? — perguntou Eve.

— Aqui dentro. À secretária, aqui. Pode... — Icove abanou a cabeça e apontou.

O gabinete era espaçoso, mas criava a sensação de intimidade. Cores quentes, cadeiras confortáveis. A vista da cidade enchia as janelas altas e estreitas, filtrada por telas de um verde-claro. Nos nichos da parede estavam objetos de arte ou fotografias.

Havia um divã forrado a pele, e Eve reparou numa bandeja com chá ou café, que parecia intacta, numa mesa baixa.

A secretária era de madeira genuína, boa madeira antiga, achava Eve, com um estilo masculino, de linhas simples. O equipamento de dados e comunicação que estava sobre a secretária era pequeno e discreto.

A cadeira atrás da secretária tinha costas altas e era da mesma pele do divã. Era aí que estava sentado Wilfred B. Icove.

O seu cabelo era uma nuvem branca espessa, que encimava um rosto quadrangular. Tinha vestido um fato azul-escuro e uma camisa branca com riscas vermelhas finas.

Um cabo de prata saía-lhe do peito, sob um triângulo vermelho no bolso do casaco.

A pequena quantidade de sangue indicou a Eve que se tratara de um golpe muito preciso no coração.



## C A P Í T U L O 2



- **P**eabody.  
— Vou buscar os estojos e comunicar à Central.  
— Quem o encontrou? — perguntou Eve ao médico.  
— A Pia. A assistente dele. — Icove parecia profundamente abalado.  
— Ela... ela contactou-me de imediato, e vim a correr. Eu...  
— Ela tocou no corpo? E o doutor?  
— Não sei. Quero dizer, não sei se ela tocou... Eu toquei. Queria...  
Precisava de ver se podia fazer alguma coisa.  
— Doutor Icove, vou pedir-lhe que se sente ali. Lamento muito o que aconteceu ao seu pai. Para já, preciso de informação. Preciso de saber quem foi a última pessoa a estar neste gabinete com ele. Quero saber a que horas ele teve a sua última marcação.  
— Sim, claro. A Pia pode consultar a agenda dele.  
— Não é preciso. — Pia vencera as lágrimas, mas tinha a voz rouca. — O nome da paciente é Dolores Nocho-Alvarez. Tinha marcação às onze e trinta... Eu própria a acompanhei.  
— Quanto tempo ela esteve aqui?  
— Não sei ao certo. Fui almoçar ao meio-dia, como de costume. Ela precisava da consulta das onze e meia, e o doutor Icove disse-me para ir almoçar, como habitualmente, que ele próprio a acompanhava à saída.  
— Ela teve de passar pela segurança.

— Sim. — Pia levantou-se. — Posso verificar a hora a que ela saiu. Oh, doutor Will, sinto muito.

— Eu sei. Eu sei.

— Conhece esta paciente, doutor Icove?

— Não. — O médico esfregou os olhos. — Não conheço. O meu pai não tinha muitos pacientes. Está semiaposentado. Dava consultas quando um caso lhe interessava, e às vezes acompanhava o paciente. Continua a ser presidente do conselho de administração deste Centro, e continua a exercer em vários outros, mas já raramente fazia cirurgia. Praticamente deixou de operar, nos últimos quatro anos.

— Quem quereria fazer-lhe mal?

— Ninguém. — Icove voltou-se para Eve. Tinha os olhos rasos de água, a voz trémula, mas não se descontrolara. — Absolutamente ninguém. O meu pai era estimado por todos. Os seus pacientes, em cinco décadas de carreira, adoravam-no, estavam-lhe gratos. As comunidades médica e científica respeitavam-no e prestavam-lhe homenagem. Ele mudava a vida das pessoas, tenente. Não se limitava a salvar vidas; também as melhorava.

— Às vezes as pessoas criam expectativas irrealistas. Uma pessoa vem ter com ele, quer uma coisa impossível, não consegue o que quer, culpa o médico.

— Não. Somos muito cuidadosos na escolha dos nossos pacientes. E, para ser franco, poucas pessoas tinham expectativas que o meu pai considerasse irrealistas. De resto, ele provou, uma e outra vez, que era capaz de fazer aquilo que outros julgavam impossível.

— Problemas pessoais. A sua mãe?

— A minha mãe morreu era eu rapaz. Durante as Guerras Urbanas. Ele não voltou a casar. Teve outras relações, claro. Mas era, acima de tudo, casado com a sua arte, a sua ciência, a sua visão.

— É filho único?

Ele esboçou um sorriso.

— Sim. Eu e a minha mulher demos-lhe dois netos. Somos uma família muito unida. Nem sei como vou dar a notícia à Avril e aos miúdos. Quem faria uma coisa destas? Quem seria capaz de matar um homem que dedicou a vida a ajudar os outros?

— É o que vou descobrir.

Pia regressou, seguida de Peabody.

— Ela passou pela segurança às doze e dezanove.

— Há imagens?

— Sim, já pedi aos responsáveis que enviassem os discos... Espero ter feito bem — disse para Icove.

— Sim, obrigado. Se quiser ir para casa...

— Não — interrompeu-o Eve. — Preciso que fiquem ambos no edifício. Não quero que façam ou recebam qualquer transmissão, não quero que falem com ninguém, nem sequer um com o outro. A inspetora Peabody vai instalá-los separadamente.

— Temos agentes a caminho — anunciou Peabody. — Rotina — acrescentou. — Há procedimentos que temos de seguir, e depois vamos precisar de falar convosco, recolher os vossos depoimentos.

— Claro. — Icove olhou em redor, como um homem perdido na floresta. — Não sei...

— E se me mostrassem onde gostariam de ficar enquanto cuidamos do seu pai?

Olhou para a sua parceira, e Eve anuiu, abrindo o seu estojo. Quando a deixaram sozinha, Eve vestiu o equipamento de proteção, ligou o seu gravador e, pela primeira vez, aproximou-se do corpo para o examinar.

— Vítima identificada como Wilfred B. Icove, médico. Cirurgia reconstrutiva e estética. — Embora o reconhecimento tivesse sido feito, pegou no seu Identi-pad, verificou as impressões digitais e a ficha da vítima. — Oitenta e dois anos, viúvo, um filho, Wilfred B. Icove, Jr., também médico. Não há indícios de lesões, para além da que causou a morte, nem sinais de luta ou ferimentos defensivos.

Tirou do estojo utensílios, aparelhos de medida.

— Hora da morte, meio-dia. Causa da morte, golpe no coração. Este belo fato e a camisa foram perfurados com um instrumento de pequena dimensão.

Mediu o cabo, tirou fotografias,

— Parece tratar-se de um bisturi.

Unhas cuidadas, observou. Unidade de pulso cara, mas discreta. Icove era, obviamente, adepto da sua própria área clínica, visto que parecia mais um sexagenário em forma do que um indivíduo que já passara dos oitenta.

— Investiga a Dolores Nocho-Alvarez — ordenou Eve a Peabody, quando a ouviu entrar. — Ou matou o nosso amável médico, ou sabe quem o fez.

Recuou, ouvindo Peabody abrir uma lata de *Seal-It*.



— Um golpe, um golpe é quanto basta, quando se sabe o que se está a fazer. Ela tinha de estar perto, com a mão firme. Controlada, também. Nada de raiva. Uma pessoa enraivecida não dá um único golpe e sai calmamente. Talvez seja trabalho profissional. Uma mulher lixada deixava-o em pior estado.

— Um ferimento deste tipo não a suja de sangue — observou Peabody. — Plano cuidadoso, bem pensado. Chega às onze e trinta, sai às, o quê?, doze e cinco, no máximo. Passa pela segurança às doze e dezanove. É o tempo que leva a chegar lá a baixo, passando pelos *scanners*. Tem tempo suficiente para se certificar de que ele está morto.

— Nocho-Alvarez, Dolores, vinte e nove anos de idade. Cidadã de Barcelona, Espanha, com residência na referida cidade, outra residência em Cancún, México. É uma mulher bonita, excepcionalmente bonita. — Peabody ergueu os olhos do ecrã do seu PC. — Não sei para que queria ela uma consulta com um cirurgião plástico.

— Tinha de se aproximar o suficiente para o matar. Verifica o passaporte dela, Peabody. Vamos ver onde é que a Dolores tem estado hospedada, na nossa linda cidade.

Eve circulou pela sala.

— As chávenas estão limpas. Ela não aceita uma bebida... — Eve levantou a tampa do bule, franziu o nariz. — Chá de pétalas... e quem pode censurá-la? Aposto que não toca em nada que não seja preciso tocar, e limpa os vestígios depois de fazer o serviço. Os técnicos não vão encontrar as impressões digitais dela. Senta-se aqui. — Apontou uma das cadeiras à frente da secretária. — Tem de agir com naturalidade durante a consulta, conversar. Tem trinta minutos a preencher, até a assistente sair para o almoço. Como sabe a que horas ela vai almoçar?

— Talvez tenha ouvido a vítima e a assistente a falar sobre isso? — sugeriu Peabody.

— Não. Ela já sabia. Vigiou-a, ou teve acesso a informação interna. Conhecia a rotina. A assistente regressa à uma da tarde, o que dá à assasina muito tempo para fazer o trabalho e sair do edifício, antes de o corpo ser descoberto. Aproximou-se da vítima.

Eve contornou a secretária.

— Seduzindo-o, talvez, ou contando-lhe uma história infeliz qualquer, como ter uma narina um milímetro mais pequena do que a outra. Veja, veja a minha cara, doutor. Pode ajudar-me? E enfia-lhe a lâmina

na aorta. O corpo está morto antes de o cérebro processar o que está a acontecer.

— Não foi emitido nenhum passaporte com o nome de Dolores Nocho-Alvarez, Dallas. Nem com outra combinação destes nomes.

— Cheira a trabalho profissional — murmurou Eve. — Vamos passar a cara dela pela base de dados do IRCCA, quando voltarmos à Central, a ver se temos sorte. Quem encomendaria o assassinio do bom velho doutor Wilfred?

— O Will filho?

— É por aí que começamos.

O gabinete de Icove era maior e mais arrojado do que o do seu pai. Ele optara por uma parede de vidro com uma espaçosa varanda do outro lado, e uma consola prateada, no lugar de uma secretária tradicional. A sua área de estar acomodava dois grandes sofás compridos e baixos, um ecrã de relaxamento, e um bar bem abastecido — um bar saudável, como Eve verificou. Nada de bebidas alcoólicas, pelo menos à vista.

Também ali havia quadros, com um retrato a dominar a divisão. Era o retrato de uma mulher loura curvilínea, de tez semelhante a mármore polido e olhos da cor de lilases. Usava um vestido comprido, do tom que parecia pairar em seu redor, e um chapéu de abas largas com fitas roxas caídas. Estava cercada de flores, e a beleza deslumbrante da sua cara era iluminada pelo riso.

— A minha mulher. — Icove pigarreou, indicando com o queixo o retrato que Eve observava. — O meu pai mandou pintá-lo e ofereceu-mo como presente de casamento. Ele também era como um pai para a Avril. Não sei como vamos superar isto.

— Ela foi vossa paciente... cliente?

— A Avril. — Icove sorriu para o retrato. — Não. Foi apenas abençoada.

— E de que maneira. Doutor Icove, conhece esta mulher? — Eve mostrou-lhe uma cópia da imagem que Peabody imprimira da sua unidade portátil.

— Não. Não a reconheço. Esta mulher matou o meu pai? Porquê? Valha-me Deus, porquê?

— Não sabemos se matou alguém, mas acreditamos, pelo menos, que foi a última pessoa a ver o seu pai com vida. A ficha dela indica que

é uma cidadã espanhola. Residente em Barcelona. Será que o doutor ou o seu pai têm alguma ligação a Espanha?

— Temos clientes em todo o mundo, e fora do planeta, também. Não temos instalações em Barcelona, mas eu... e o meu pai... viajávamos muito em trabalho, sempre que um caso o justificava.

— Doutor Icove, uma clínica como esta, com todas as suas filiais, as suas consultas, gera verbas consideráveis.

— Sim.

— O seu pai era um homem muito rico.

— Sem dúvida.

— E o doutor é o seu único filho. O seu herdeiro, suponho.

Houve um instante de silêncio. Lentamente, com muito cuidado, Icove sentou-se numa cadeira.

— Acha que eu seria capaz de matar o meu próprio pai, por *dinheiro*?

— Seria útil podermos eliminar esta linha de investigação.

— Eu já tenho a minha própria fortuna — disse Icove, rispidamente, enquanto o rubor lhe cobria a cara. — Sim, vou herdar muito mais, assim como a minha mulher e os meus filhos. Outras quantias substanciais irão para diversas obras de caridade e para a Fundação Wilfred B. Icove. Quero pedir outro investigador para chefiar esta investigação, imediatamente.

— Pode fazer o pedido — disse Eve, tranquilamente. — Não vão satisfazê-lo. Em qualquer dos casos, teria de responder exatamente às mesmas perguntas. Se quer que a pessoa que assassinou o seu pai seja levada à justiça, doutor Icove, tem de colaborar.

— Quero que encontre esta mulher, esta Alvarez. Quero encará-la, olhá-la nos olhos. Saber por que razão...

Interrompeu-se, abanou a cabeça.

— Eu adorava o meu pai. Tudo o que tenho, tudo o que sou, começou com ele. Alguém mo tirou, alguém o tirou aos seus netos. Ao mundo.

— Incomoda-o que o tratem por doutor Will, em vez de usarem o seu nome completo?

— Oh, por favor. — Desta vez, enfiou a cabeça entre as mãos. — Não. Só o pessoal do Centro me trata assim. É mais prático, evita confusões.

*Agora acabaram-se as confusões*, pensou Eve. Mas se o doutor Will arquitetara, planeara e pagara a morte do pai, estava a perder tempo na carreira médica. Podia duplicar a sua fortuna como ator.

— O seu ramo é competitivo — recomeçou Eve. — Consegue pensar em alguma razão para alguém querer eliminar uma parte da concorrência?

— Não. — Deixou-se ficar com a cabeça entre as mãos. — Não consigo pensar, de todo. Quero estar com a minha mulher, com os meus filhos. Mas este Centro vai continuar a existir, mesmo sem o meu pai. Ele construiu-o para durar, construiu-o para o futuro. O meu pai olhava sempre para o futuro. Não havia nada a ganhar com a sua morte. Nada.

Havia sempre alguma coisa a ganhar, pensava Eve, na viagem de regresso à Central. Vingança, dinheiro, excitação, satisfação emocional. O homicídio oferecia sempre uma recompensa. Senão, porque continuaria a ser tão popular?

— Dá-nos o resumo, Peabody.

— Um médico conceituado, até reverenciado, um dos criadores da cirurgia reconstrutiva tal como a conhecemos este século, foi eficientemente assassinado no seu gabinete. As instalações onde se situa o gabinete têm um rigoroso controlo de segurança. Suspeitamos que o crime tenha sido perpetrado por uma mulher que entrou no local com consulta marcada e que saiu pouco depois. Embora seja supostamente uma cidadã espanhola, com residência no seu país de origem, não tem passaporte registado. A morada que consta da sua documentação oficial não existe.

— Conclusões?

— A mulher em causa é uma assassina profissional, ou uma amadora talentosa, que usou um nome falso e deu informações falsas para ter acesso ao gabinete da vítima. Motivo, até agora, insondável.

— Insondável?

— Soa melhor do que dizer «desconhecido», e é como se fôssemos limpar o ar e ver tudo.

— Como conseguiu ela passar com a arma pelo controlo de segurança?

— Bem. — Peabody olhou da janela, através da chuva, para um ecrã de rua que anunciava pacotes de férias em praias banhadas pelo sol. — Há sempre uma forma de contornar a segurança... mas para quê correr riscos? Num lugar daqueles não faltam bisturis. Ela podia ter um colaborador lá dentro, que lhe deixasse o bisturi num local combinado. Têm uma segurança apertada, sim, mas também têm a política de privacidade. Não há câmaras nos quartos dos pacientes, nem nos corredores junto aos quartos.

»Têm zonas de internamento, salas de espera, lojas, consultórios,

salas de exame, blocos operatórios. Isto sem contar com o anexo hospitalar e com o serviço de urgência. Aquele sítio é um raio dum labirinto. Se ela teve a calma de entrar ali, esfaquear um tipo no coração e tornar a sair, de certeza que tinha feito o reconhecimento do terreno. Sabia movimentar-se lá dentro. Já lá tinha estado antes, ou fez muitas simulações.

Eve serpenteou através do trânsito lento e entrou no parque da Central da Polícia.

— Quero rever as imagens do sistema de segurança. Vamos procurar esta mulher na base de dados do IRCCA e correr o programa de reconhecimento facial. Se tivermos sorte, encontramos um nome, verdadeiro ou falso. Quero saber tudo sobre a vítima, e sobre a situação financeira do filho. Vamos eliminá-lo do nosso campo. Ou não. Quem sabe se não vamos encontrar quantias avultadas e inexplicáveis transferidas recentemente.

— Não foi ele, Dallas.

— Não. — Eve estacionou, saiu do carro. — Não foi ele, mas vamos investigá-lo, ainda assim. Vamos falar com colegas, amantes, ex-amantes, conhecidos. Vamos descobrir o motivo.

Encostou-se à parede do elevador, que começou a subir.

— As pessoas gostam de processar médicos, ou de falar mal deles, especialmente quando se trata de intervenções que elas escolheram fazer. Ninguém fica com a folha limpa. Em algum momento ele há de ter feito asneira, há de ter chateado alguém. Pode ter perdido um paciente, e talvez a família o culpe. A vingança é o motivo mais provável neste caso. Matar o tipo com um utensílio médico. Simbolismo, talvez. Um golpe no coração, a mesma lógica.

— Um simbolismo mais forte teria sido cortar-lhe a cara, ou a parte do corpo intervencionada, se se tratou de vingança por um ato médico.

— Quem me dera não concordar contigo.

Agentes e técnicos, e só Deus sabia quem mais, começaram a encher o elevador no segundo piso. Quando chegaram ao quinto, Eve achou que já era gente a mais, saiu do elevador a custo e apanhou um deslizante.

— Espera. Preciso de energia. — Peabody saltou do deslizante e correu para um ponto de venda automática. Eve seguiu-a, pensativa.

— Traz-me alguma coisa.

— Que coisa?

— Não sei, uma coisa. — Franzindo o sobrolho, Eve considerou as

suas opções. Como era possível haver tanta coisa saudável num sítio onde trabalhavam polícias? Os polícias não queriam comida saudável. Melhor do que ninguém, sabiam que não iam viver para sempre.

— Talvez essa barra com recheio.

— Um *Goey Go*?

— Porque hão de dar nomes estúpidos a estas coisas? Faz-me sentir embaraçada quando as como. Sim, a barra.

— Continuas a não interagir com as máquinas?

Eve ficou de mãos nos bolsos, enquanto Peabody seleccionava a opção e introduzia os créditos.

— Trabalho com mediadores, assim ninguém se magoa. Se eu voltar a interagir com uma destas filhas da mãe, vai haver destruição.

— Tanto veneno contra um objeto inanimado que nos dá *Goey Gos*...

— Oh, elas estão vivas, Peabody. Estão vivas e a pensar os seus pensamentos maléficos. Não tenhas qualquer dúvida.

*Seleccionou dois Goey Gos, os deliciosos doces estaladiços com recheio cremoso. Leve o seu Goey!*

— Estás a ver? — disse Eve, num tom sombrio, quando a máquina começou a debitar os ingredientes e os valores calóricos.

— Pois, também gostava que se calassem, especialmente quando vêm com isto das calorias. — Deu uma das barras a Eve. — Mas é tudo programado, Dallas. Elas não estão vivas nem pensam.

— Elas querem fazer-nos acreditar nisso. Falam umas com as outras, através dos seus *chips* e dos seus painéis, e estão provavelmente a conspirar para destruir a humanidade. Um dia, seremos nós ou elas.

— Está a arrepiar-me, tenente.

— Não digas que não te avisei. — Eve trincou a barra, e viraram para a Secção de Homicídios.

Dividiram as tarefas, dirigindo-se Peabody para a sua secretária na sala comum e Eve para o seu gabinete.

Antes de entrar, parou à porta e observou o seu cubículo por instantes, enquanto mastigava. Havia apenas o espaço suficiente para a sua secretária e a sua cadeira, uma cadeira bamba para quem a visitasse, um armário de arquivo. Tinha uma única janela, que não era maior do que uma das gavetas do arquivo.

Objetos pessoais? Bem, tinha a sua reserva de guloseimas, num esconderijo que até agora passara despercebido ao perverso ladrão de doces

que a perseguia. Tinha um ioiô, com o qual brincava, ocasionalmente, enquanto refletia. De porta trancada.

Não precisava de mais. Na verdade, era um espaço mesmo à sua medida. Que raio faria com um gabinete como tinham os dois médicos, ou até com metade daquelas áreas? Haviam de aparecer por ali mais pessoas a incomodá-la, se houvesse espaço para tanto. Como conseguiria trabalhar?

O espaço, concluiu Eve, era outro símbolo. *Sou bem-sucedido, por isso tenho todo este espaço.* Era óbvio que os Icove pensavam assim. Roarke também, admitiu. O homem adorava ter o seu espaço, com muitos brinquedos e objetos atraentes para o encher.

Roarke viera do nada, tal como ela. Tinham, simplesmente, formas diferentes de compensar as suas origens. Eve sabia que ele lhe traria presentes da sua viagem de negócios. Arranjava sempre tempo para comprar coisas, e parecia divertido com o seu desconforto perante aquela chuva constante de presentes.

E Wilfred B. Icove?, perguntou-se. De onde viera ele? Como compensava o que quer que precisasse de compensar? Quais eram os seus símbolos?

Eve sentou-se à secretária, ligou o computador e iniciou o processo de conhecer o morto.

Enquanto reunia dados no computador, ligou a Feeney, o capitão da Divisão de Detecção Eletrónica.

A cara de Feeney apareceu no ecrã, expressão embaraçada, cabelo ruivo crespo. A camisa estava amarrotada como se ele tivesse dormido com ela, e tudo isto era, como sempre, estranhamente reconfortante para Eve.

— Preciso de uma busca no IRCCA — disse-lhe. — Um cirurgião plástico importante foi assassinado esta manhã, no seu gabinete. Tudo aponta para a última pessoa a quem ele deu consulta. Mulher, vinte e muitos anos, nome e morada, que é de Barcelona, Espanha...

— *Olé* — disse Feeney, austeramente, fazendo Eve sorrir.

— Caramba, Feeney, não sabia que falavas espanhol.

— Quando passei férias na tua casa no México, aprendi umas coisitas.

— Então como é que se diz «em cheio no coração com um instrumento de lâmina curta»?

— *Olé.*

— Bem, agora já sei. Não há passaporte no nome que vem na ficha de

identificação, Nocho-Alvarez, Dolores. A morada em Espanha não existe. Ela entrou e saiu sem problemas, apesar da segurança apertada.

— Cheira-te a trabalho profissional?

— Cheira, mas não vejo um motivo no meu horizonte. Talvez um dos teus rapazes encontre uma correspondência no sistema, através do reconhecimento facial.

— Envia-me uma fotografia, vamos ver o que conseguimos.

— Obrigada. Vou enviar.

Desligou, enviou a imagem e, fazendo figas para que o seu computador aguentasse outra tarefa em simultâneo, introduziu no leitor o disco que trouxera do Centro Icove, tencionando rever as imagens.

Foi buscar café ao AutoChef, e começou a beber, diante do ecrã.

— Aí estás tu — murmurou, vendo a mulher que conheciam como Dolores dirigir-se a um ponto de controlo no piso principal. Usava umas calças justas e um blusão, ambos vermelho-vivo. Sapatos de salto muito alto, do mesmo tom de vermelho.

*Não tens medo de dar nas vistas, pois não, Dolores?*, disse Eve para consigo.

O cabelo dela era longo, de um preto brilhante, com caracóis soltos em redor da cara. Maças do rosto perfeitas, lábios carnudos — pintados de um vermelho igualmente arrojado — e uns olhos com grandes pálpebras, quase tão escuros como o cabelo.

Eve viu a mulher passar pela segurança — *scanner* de malas, *scanner* corporal — sem chamar a atenção, e caminhar descontraidamente, balouçando as ancas, para o elevador que a conduziria ao piso de Icove.

Sem hesitação, reparou Eve, sem pressa. Sem tentar esquivar-se às câmaras. Sem qualquer sinal de nervosismo. Tranquila como quem bebe uma *margarita* à sombra de um chapéu numa praia tropical.

Eve passou às imagens filmadas no elevador e viu a mulher no interior da cabina — serena. Não houve qualquer paragem, ela não fez qualquer movimento, até sair no piso do gabinete de Icove.

Encaminhou-se para a receção e falou com a pessoa que estava de serviço, anunciando a sua chegada. Depois, seguiu pelo corredor, percorrendo a pequena distância que levava à casa de banho.

Onde não havia câmaras, pensou Eve. Onde podia recolher a arma que alguém lhe deixara ou retirá-la da mala ou do corpo, caso a tivesse consigo, bem escondida o suficiente para iludir a segurança.



O mais certo era ter a arma à sua espera na casa de banho. Ter alguém a colaborar consigo. Talvez a pessoa que queria ver o médico morto.

Ao fim de quase três minutos, Dolores saiu e foi diretamente para a sala de espera. Sentou-se, cruzou as pernas, e percorreu a seleção de discos de livros e revistas no menu.

Antes que pudesse escolher um, Pia apareceu à porta da sala, para a acompanhar ao gabinete de Icove.

Eve viu as portas fecharem-se, a assistente sentar-se à sua secretária. Acelerou o vídeo, vendo o tempo correr até ao meio-dia, hora a que a assistente tirou a sua mala de uma gaveta, vestiu o casaco e foi almoçar.

Seis minutos mais tarde, Dolores saiu do gabinete, tão descontraidamente como entrara. A sua cara não acusava excitação, nem satisfação, culpa ou medo.

Passou pela receção sem uma palavra, desceu, dirigiu-se ao ponto de controlo, passou pela segurança e saiu do edifício. Evaporando-se, pensou Eve.

Se não era uma assassina profissional, devia ser.

Mais ninguém entrou ou saiu do gabinete de Icove até a assistente regressar do seu almoço.

Bebendo uma segunda chávena de café, Eve começou a ler a abundante informação disponível sobre Wilfred B. Icove.

— O tipo era um raio dum santo — disse Eve a Peabody. A chuva convertera-se num irritante chuvisco, cinzento como nevoeiro. — Nasceu com pouco, fez muito. Os pais eram médicos, dirigiam centros hospitalares em zonas e países problemáticos. A mãe dele sofreu queimaduras severas ao tentar salvar crianças de um edifício sob ataque. Sobreviveu, mas ficou desfigurada.

— Então, ele escolhe a cirurgia reconstrutiva — completou Peabody.

— Foi isso que o inspirou, ao que parece. Dirigiu ele próprio uma clínica itinerante durante as Guerras Urbanas. Viajou para a Europa, para ajudar no conflito que lá se travava. Foi aí que a sua mulher foi atingida, quando estava a trabalhar como voluntária. O filho era muito jovem, mas já se estava a preparar para ser médico, e viria mais tarde a formar-se em Harvard, aos vinte e um anos.

— Não perdeu tempo.

— Não. O Wilfred pai continuava a trabalhar com os seus pais, mas

não estava com eles quando a mãe ficou ferida, pelo que escapou a ser morto ou ferido. Também se encontrava noutra zona de Londres quando a sua mulher foi atingida.

— Ou muita sorte, ou muito azar.

— Pois. Ele já trabalhava em cirurgia reconstrutiva, quando ficou viúvo. O caso da mãe levou-o a fazer disso a sua missão. A mãe era considerada um espanto. Tirei uma fotografia do arquivo, e parece-me realmente muito bonita. Também há fotografias dela após a explosão, e pode dizer-se que ficou com um aspeto assustador. Conseguiram mantê-la viva, e melhoraram bastante a sua aparência, mas não conseguiram pô-la como ela era antes.

— Como o Humpty Dumpty.

— O quê?

— Todos os cavalos do rei? — Peabody percebeu que Eve não fazia ideia do que se tratava. — Esquece.

— Ela suicidou-se três anos mais tarde. O Icove dedica-se à cirurgia reconstrutiva e, seguindo as boas ações dos pais, oferece-se para trabalhar como voluntário durante as Guerras Urbanas. Perdeu a mulher e criou o filho, dedicou a sua vida à medicina, fundou clínicas, criou fundações, aceitou casos que pareciam perdidos, muitas vezes prescindindo dos seus honorários, ensinou, orientou, patrocinou, realizou milagres, e deu pão e peixe aos pobres de um cesto sem fundo.

— Inventaste essa última parte, certo?

— Nem parece. Nenhum médico exerce durante quase sessenta anos, sem enfrentar processos por negligência, mas o número de processos que lhe moveram está muito abaixo da média, muito abaixo do que seria de esperar na sua especialidade.

— Acho que tens um preconceito contra a cirurgia estética, Dallas.

— Não é preconceito. Só me parece uma coisa estúpida. Seja como for, é o tipo de especialidade que se presta a processos, e ele quase não os teve. Não consigo encontrar uma mancha no seu percurso. Não tem ligações políticas que lhe pudessem trazer inimigos, nem escândalos relacionados com jogo, prostitutas, droga, abuso de pacientes. Nada.

— Algumas pessoas são, simplesmente, boas.

— Uma pessoa assim tão boa devia ter auréola e asas. — Apontou os documentos impressos. — Alguma coisa aqui não bate certo. Toda a gente tem esqueletos no armário.

— O cinismo assenta-lhe bem, tenente.

— Um facto curioso é ele ter sido o tutor legal da rapariga que se tornou sua nora. A mãe dela, também médica, foi morta durante um motim em África. O pai, artista, abandonou a família pouco depois de a Avril Hannson Icove nascer. E foi, mais tarde, assassinado por um marido ciumento, em Paris.

— É muita tragédia para uma família só.

— Também acho. — Estacionou à frente da moradia de Upper West Side onde o doutor Icove, o vivo, morava com a sua família. — Dá que pensar.

— Às vezes, a tragédia persegue uma família. É o carma.

— Os *Free-Agers* acreditam no carma?

— Claro. — Peabody saiu do carro. — Só que lhe chamamos equilíbrio cósmico. — Subiu um pequeno lanço de escadas até ao que lhe pareceu ser a porta original, ou uma excelente reprodução. — Bela casa — disse, passando os dedos pela madeira, enquanto o sistema de segurança lhes perguntava o motivo da sua visita.

— Tenente Dallas, inspetora Peabody. — Eve ergueu o seu distintivo para o leitor. — Polícia de Nova Iorque, viemos falar com o doutor Icove.

*Um momento, por favor.*

— Têm uma casa de fim de semana nos Hamptons — continuou Peabody. — Uma *villa* na Toscana, um apartamento em Londres e uma cabana em Maui. Com a morte do Icove pai, vão acrescentar duas propriedades que valem uma fortuna à sua geografia pessoal. Não era bom se o McNab fosse um médico rico?

Ian McNab, génio da DDE, era o companheiro de Peabody e, ao que parecia, o amor da sua jovem vida.

— Podias trocá-lo por um — sugeriu Eve.

— Nem pensar. Sou doida por aquele traseiro magricela. Olha o que ele me ofereceu. — Enfiou a mão sob a camisa e puxou para fora um pendente com a forma de um trevo de quatro folhas.

— Para quê?

— Para celebrar o fim da minha terapia física e a minha recuperação completa dos ferimentos que sofri no cumprimento do dever. Diz que é para me proteger.

— Equipamento antimotim era capaz de funcionar melhor. — Viu que Peabody ficara amuada, e lembrou-se de que o trabalho em equipa e

a amizade tinham certas regras. — É bonito — acrescentou, segurando o pequeno amuleto na palma da mão, para o ver melhor. — Foi atencioso da parte dele.

— O McNab não se esquece do que é importante. — Peabody voltou a enfiar o pendente sob a camisa. — Dá-me uma sensação... não sei... reconfortante, saber que estou a usá-lo.

Eve pensou no diamante, do tamanho de um punho de bebé, que trazia por baixo da camisa. Fazia-a sentir-se tola, e embaraçada, mas também lhe dava uma sensação reconfortante. Desde que se habituara ao seu peso.

Não se tratava do peso físico, admitiu, mas do peso emocional. Era preciso algum tempo, pelo menos de acordo com a sua experiência, para uma pessoa se habituar a carregar o amor.

A porta abriu-se. A mulher do retrato apareceu, sobre um fundo de luz dourada. Nem os olhos inchados do choro conseguiam diminuir a sua beleza extraordinária.